





## CARLOS AUGUSTO VIANA

Carlos Augusto Viana nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 22 de março de 1955. É graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, onde fez mestrado em Letras. Professor assistente do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará e de Literatura Brasileira dos Colégios 7 de Setembro e Batista.

Poeta, ensaísta e jornalista, trabalhando como colunista e editor de cultura do jornal *Diário do Nordeste*. Alcides Pinto, comentando sobre sua poesia, disse que muitos autores “já louvaram a plasticidade de seus versos, a capacidade rara de construção de metáforas surpreendentes em beleza e invenção”. Publicações: *POESIAS - Primavera empalhada*, 1982; *Inscrições dos lábios*, 2002; *A báscula do desejo*, 2004, com o qual conquistou o prêmio Osmundo Pontes de Literatura, 2003; *Côdea*, 2007 (prêmio Unifor de Literatura de 2007); *ENSAIO – Drumond: a insone arquitetura*, 2003.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 26 de junho de 2003, ocupando a vaga deixada pelo acadêmico Martins Filho, cadeira número 3, cujo patrono é Antônio Augusto. Foi saudado pelo poeta Juarez Leitão. É membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, da Associação Brasileira de Bibliófilos e membro-honorário da Academia Fortalezense de Letras e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SOBRAMES, CE.

### SONETO COM MEL E PORCELANA

*Tens os olhos mais belos desta aldeia,  
a pele da manhã inaugural;  
a voz derrama harpas e incendeia  
as pálpebras abertas no trigal.  
Se um rio de teus passos se alteia,  
guitarras enlouquecem no varal;  
o sol perde seu lume; o grão da ceia  
se espalha sobre a mesa, musical.  
O teu corpo é de um barro alucinado,  
fruto de finas águas; e os tecidos  
que o cobrem têm o âmbar cultivado  
por dedos de farândolas tingidos.  
Melodias azuis, mel derramado  
na cega porcelana dos ouvidos.*



SONETO EM ÓLEO SOBRE A TELA

*Sempre uma casa medra na memória:  
a lua vertical duma janela  
abre-se ao vento e, vértice de sombras,  
de priscos movimentos se anela.  
O que procuro em mim, que não encontro?  
O que encontro em mim, quando não busco?  
Por que trazer aos ombros esse tempo  
que só me curva os passos, um molusco?  
As léguas do verão, (verde tão breve)  
as inscrições das folhas sobre as telhas;  
os olhos revoando as capoeiras...  
E tudo apenas resto... mas presença;  
soterrado no tempo inda flutua: -  
janela que emoldura aquela lua.*

O OLHO

*O que de nós foge aos retratos?  
O pesadelo da pele,  
a perscrutação das pálpebras,  
o que, em nós, são ventos e países?  
O olho que,  
verdadeiramente,  
carregamos nos retratos –  
seja em música ou em lepra –  
faria escurecer as águas,  
apodrecer os pomos  
e evaporar a linfa das porcelanas.  
Tal olho, melhor que permaneça,  
assim, sem grãos,  
emparedado,  
na concha que habita os espelhos.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.